



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

TÂNIA DE SOUSA LINS

**ATUALIZAÇÃO IDEOLÓGICA DO MITO NA TRAGÉDIA *ÉDIPO REI*, DE
SÓFOCLES**

**CAJAZEIRAS-PB
2015**

TÂNIA DE SOUSA LINS

**ATUALIZAÇÃO IDEOLÓGICA DO MITO NA TRAGÉDIA *ÉDIPO REI*, DE
SÓFOCLES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

**CAJAZEIRAS-PB
2015**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
André Domingos da Silva - Bibliotecário CRB/15-730
Cajazeiras - Paraíba

L759a Lins, Tânia de Sousa
Atualização ideológica do mito na tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles. /
Tânia de Sousa Lins. Cajazeiras, 2015.
41f.
Bibliografia.

Orientador (a): Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Mito. 2. Édipo. 3. Atualização Ideológica. 4. Sófocles. I. Sousa,
Elri Bandeira de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU -82-343

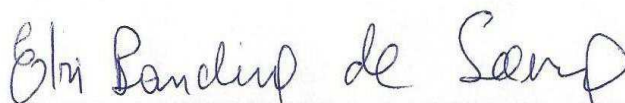
TÂNIA DE SOUSA LINS

ATUALIZAÇÃO IDEOLÓGICA DO MITO NA TRAGÉDIA *ÉDIPO REI*, DE SÓFOCLES

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

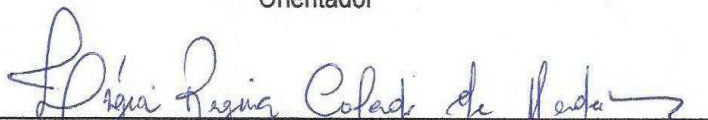
Aprovada em: 18 / 03 / 2015

BANCA EXAMINADORA



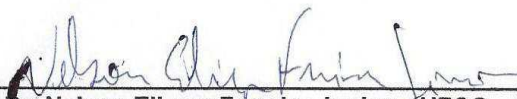
Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa – UFCG – CFP - UAL

Orientador



Prof.ª Dr.ª Lígia Regina Calado de Medeiros – UFCG – CFP - UAL

Examinadora



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Junior – UFCG – CFP - UAL

Examinador

Aos meus pais Inácio e Maria, os meus “primeiros professores”.

Aos meus irmãos Targino, Tiago e Tatiana pelo carinho, atenção e por acreditarem em mim.

Aos meus avôs Targino Afonso e José Cícero e às minhas avós Vitalina e Josefa (*in memoriam*).

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por me dar forças para superar tantos obstáculos.

Aos meus pais Inácio e Maria, pelo amor, por todos os ensinamentos de vida, pelo suporte, pela paciência comigo e por sempre lutarem por uma educação de qualidade para os seus filhos.

Aos meus irmãos, pelo apoio e incentivo, para que esta etapa fosse concluída com sucesso.

Aos meus amigos da graduação, pelo companheirismo, pelos momentos de descontração e também pelos momentos de aflições que compartilhamos ao longo desses anos que convivemos.

Ao meu orientador professor Dr. Elri Bandeira de Sousa, pelo incentivo necessário nesta caminhada, pelo comprometimento, pelas leituras sugeridas ao meu trabalho e pelas dúvidas dirimidas; uma pessoa muito querida que certamente contribuiu para a minha formação profissional.

Aos professores componentes da banca de defesa Lígia Regina Calado de Medeiros e Nelson Eliezer Ferreira Junior, o meu agradecimento por terem aceitado o convite e pelo tempo dispensado à análise deste trabalho.

Aos demais professores que participaram da minha trajetória escolar e acadêmica.

À minha amiga e colega de curso Alyne Araújo, por ter feito a tradução do resumo para o inglês.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste trabalho.

[...] Embora os sentidos fundamentais de um texto antigo possam chegar até nós, sobretudo aqueles que de certo modo espelham temas que ainda importam nos dias correntes, não podemos perder de vista a sociedade e a cultura a que pertence e para os quais foi escrito. Se, por um lado, interessa-nos atinar com aquilo que uma tragédia ainda nos diz, acreditamos ser viável identificar os liames entre o que ela nos diz e o que ela teria dito para a sua própria época.

SOUSA

Tragédias importantes, ao que tudo indica, não ocorrem nem em períodos de real estabilidade, nem em períodos de conflito aberto e decisivo. O seu cenário histórico mais usual é o período que precede à substancial derrocada e transformação de uma importante cultura. A sua condição é a verdadeira tensão entre o velho e o novo: entre crenças herdadas e incorporadas em instituições e reações, e contradições e possibilidades vivenciadas de forma nova e viva.

RAYMOND WILLIAMS

RESUMO

Sabendo-se que o mito tem origem na tradição oral e que a literatura surge com o advento da escrita e deriva de alterações dos mitos realizadas pelos poetas, o presente trabalho buscou analisar a tragédia *Édipo Rei* do autor ateniense Sófocles, a fim de mostrar que nesta obra ocorre uma atualização ideológica do mito de Édipo. Para entendermos tal afirmação, precisamos compreender o contexto da época em que o drama foi escrito. Para tanto, foi realizado um levantamento do período histórico de Atenas no século V a. C., época em que Sófocles viveu. É importante atentar que nesse momento acontecem muitas transformações políticas, sociais e culturais que irão contribuir para uma crescente racionalização do pensamento da sociedade e isso é perceptível no discurso dos personagens Édipo e Jocasta. Diante desse novo cenário, notamos que a forma de pensar já está em processo de mudança e, sendo assim, é inevitável que os mitos sejam lidos de forma diferente. É nesse contexto de transformações que a atualização da obra pode ser entendida e explicada. Para tanto, este trabalho se ampara nos pressupostos teóricos de Eliade (2006), Grimal (1987), Szondi (2004), Vernant (2006), Vieira (2004), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Mito. Édipo. Atualização Ideológica. Sófocles.

ABSTRACT

Knowing that the myth originates in the oral tradition and that literature emerges with the advent of writing and derives from changes of the myths made by the poets, the present work aimed to analyze the tragedy *Oedipus the King* by the Athenian author Sophocles, in order to show that in this work occurs an ideological update of the Oedipus myth. To understand this statement, it is necessary to comprehend the context of the time in which the drama was written. For this purpose, it was made a survey of the historical period of Athens in the fifth century B.C., time when Sophocles lived. It is important to notice that at that moment happen many political, social and cultural transformations that will contribute to an increasing rationalization of the way of thinking of society and this is noticeable in the discourse of the characters Oedipus and Jocasta. Thereby, we note that the way of thinking is already in the process of change and, so it, is inevitable that the myths are read differently. It is in this context of changes that the update of the work can be understood and explained. Therefore, this work is supported in the theoretical assumptions of Eliade (2006), Grimal (1987), Szondi (2004), Vernant (2006), Vieira (2004), among others.

KEY-WORDS: Myth. Oedipus. Ideological Update. Sophocles.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O MITO NA TRADIÇÃO ORAL	14
1.1 A FUNÇÃO RELIGIOSA DOS ORÁCULOS E DOS ADIVINHOS	16
1.2 OS LABDÁCIDAS: O MITO DE ÉDIPO	19
2 SÓFOCLES E SUA ÉPOCA	22
3 ATUALIZAÇÃO IDEOLÓGICA DO MITO DE ÉDIPO EM SÓFOCLES	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Inicialmente transmitidos de forma oral, os mitos são uma primeira atribuição de sentido ao universo, frutos de inúmeras colaborações ao longo do tempo, sem que haja uma única autoria; traduzem a visão de mundo e os sentimentos coletivos do grupo no qual tem sua origem, ou seja, o seu conteúdo é comum a toda uma coletividade.

Sendo o mito narrativa de um acontecimento que visa explicar os fenômenos do universo, a mitologia é o conjunto dos relatos dos antigos sobre seus deuses e heróis, pelos quais explicavam a origem do mundo, alguns rituais religiosos e até mesmo alguns momentos do passado. Esses relatos, elaborados e reelaborados ao longo dos séculos, chegaram até nós através de diversas fontes: poemas de Homero e de Hesíodo; poesias de Píndaro; tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Essas narrativas, que frequentemente apresentam numerosas variantes, tornaram-se uma das principais fontes da arte e da literatura ocidentais.

Um bom exemplo disso é a tragédia *Édipo Rei* do autor ateniense Sófocles, que apesar de ser baseada no mito de Édipo traz na sua versão o que chamamos, neste trabalho, de “atualização ideológica”, visto que a obra em questão, inserida no contexto do século V a. C., mostra que a afluência de intelectuais, historiadores, sofistas, filósofos, cientistas, acarretou uma revisão profunda das tradições básicas do pensamento ateniense, que de certo modo engrandecia os homens e apequenava os deuses.

No entanto, vale salientar que não estamos afirmando que a obra literária seja pura e simples reflexo ou descrição fiel de uma época, mas ela é, sob suas diversas possibilidades de leituras, a interpretação da experiência de uma época, de um homem ou de um grupo e, pois, como toda obra humana, historicamente marcada. Assim, caberá ao leitor decidir entre simplesmente ler esses relatos como belas histórias ou poderá também sucumbir à tentação de interpretá-los, conferindo-lhes sentidos diversos.

Sófocles viveu no século V a.C., o *Século de Péricles*¹, marcado pela democracia ateniense que colocava em primeiro plano a importância do debate na tomada de decisões. O desenvolvimento do pensamento filosófico, que distingue *mito* e *logos*, está vinculado ao nascimento da *polis* (cidade) e é a partir desse momento que a filosofia passa a interrogar-se sobre as sociedades humanas, as leis, a justiça; e o homem começa a exigir provas e justificativas racionais para os fenômenos que o cerca. Nesse sentido, o surgimento da cidade, como a primeira experiência da vida pública enquanto espaço de debate, permitiu ao indivíduo tecer seu destino na *Ágora* (praça pública). Além disso, a democracia, sendo direta, estimulou o pensamento racional, a discussão, a persuasão, fazendo com que o homem se distanciasse da tradição mítica.

Daí, o aprendizado das regras de oratória tornou-se uma necessidade para quem quisesse aprender a arte de argumentar em público para conseguir persuadir os outros em assembleias e, muitas das vezes, fazer prevalecer seus interesses individuais e de classe. Por esse motivo, fica fácil explicar a fama dos sofistas, mestres na arte da persuasão. Por receberem dinheiro em troca dos ensinamentos de filosofia, os sofistas foram duramente criticados pelo filósofo Sócrates, que nada escreveu, e é apenas através dos escritos de seus discípulos que podemos ter uma ideia de sua filosofia.

Como vemos, antes do florescimento da filosofia, o conhecimento dos povos estava baseado em crenças predominantemente míticas. Porém, os gregos colocaram isso em questionamento e trataram de desvendar os “segredos da natureza”, confiando na razão, distanciando o pensamento da irracionalidade. Nesse sentido, o homem passou a confrontar-se com as entidades míticas, pois estava insatisfeito com as explicações que a tradição lhe dera sobre a origem da humanidade, começando assim a fazer perguntas, a fim de buscar uma resposta racional para a sua existência e para a existência das coisas.

Partindo de tais considerações, o presente trabalho tem como objeto de análise a tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, centrando-se na discussão sobre a atualização ideológica do mito na obra em estudo, mostrando através do discurso

¹ Péricles foi muito importante para o cenário político de Atenas e, principalmente, para a consolidação da democracia, por esse motivo todo o século V a.C. ficou conhecido como o “Século de Péricles”.

dos personagens Édipo e Jocasta que o pensamento da sociedade ateniense já está em processo de mudança devido às transformações ocorridas na *polis*. Para situar o *corpus*, discorreremos primeiro sobre a tradição oral, depois sobre a figura dos oráculos e dos adivinhos na cultura grega e ainda a respeito do mito dos Labdácidas; em seguida abordamos acerca do tragediógrafo Sófocles situando-o em sua época e, por último, foi realizada a análise da obra, através da qual se pretendeu discutir a presença da “atualização ideológica”, que é o nosso foco.

É importante salientar ainda que o interesse em pesquisar o tema iniciou-se pelo fato de a pesquisadora já ter participado das discussões realizadas em sala de aula referentes à disciplina “Literatura Clássica” no seu processo de formação acadêmica, e justifica-se porque a tragédia *Édipo Rei* é de extrema riqueza e o mito em que esta obra é baseada não inspirou apenas os tragediógrafos atenienses do século V a.C. Sabemos do lugar ocupado por ela na psicanálise de Sigmund Freud e que continua sendo alvo de estudos em outras áreas. Isso prova o inesgotável valor do mito e da obra e, conseqüentemente, a admiração despertada ao longo de toda a Antiguidade e contemporaneidade.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi feito um levantamento de bibliografias como: livros, artigos, publicações avulsas e imprensa escrita. A escolha da pesquisa bibliográfica tem como finalidade colocar o leitor em contato com aquilo que já foi escrito sobre o mito de Édipo, mais especificamente, sobre a tragédia *Édipo Rei*, de maneira descritiva. Para tanto, os teóricos em que se apoiou tal pesquisa foram Brandão (1985, 2011, 2012), Eliade (2006), Grimal (1987), Hacquard (1996), Harvey (1998), Marques Júnior (2008), Mossé (2004), Pereira (2006), Szondi (2004), Vernant (1999, 2000, 2002, 2006), Vieira (2004), Zizek (1996), entre outros.

Dessa forma, o trabalho está estruturado em três capítulos: o primeiro, intitulado “O mito na tradição oral”, está dividido em três etapas; na primeira discutimos sobre o conceito de mito, mostrando o que é a tradição oral (da qual o mito faz parte); na segunda explicamos o que significam os oráculos e os adivinhos na cultura grega, bem como sua função religiosa; e na última discorreremos a respeito do mito de Édipo, através da história dos Labdácidas.

O segundo capítulo, intitulado “Sófocles e sua época”, está direcionado ao contexto social, político e cultural de Atenas a partir do século VIII até o século V a. C. Optamos por recuar um pouco no tempo, a fim de compreendermos melhor como

ocorreram os vários eventos que contribuíram para a crescente racionalização do pensamento do povo ateniense, entre eles: o auge da democracia grega; a criação do conceito de cidade (*polis*) e de cidadão (*polites*); a relevância da palavra escrita sobre a palavra oral; o surgimento dos sofistas; o florescimento da Filosofia que, a partir de um discurso racional, dá uma explicação lógica para o mundo e o questionamento dos mitos (da tradição, dos deuses e dos oráculos) na tragédia que reflete sobre a condição e a fragilidade humana.

O terceiro e último capítulo, intitulado “Atualização ideológica do mito de Édipo em Sófocles”, destinou-se à análise propriamente dita da peça *Édipo Rei*. Para tanto, mostramos como os oráculos são questionados, especialmente em falas de Édipo e Jocasta, o que, no nosso entender, já nos revela a influência dos sofistas e filósofos.

1 O MITO NA TRADIÇÃO ORAL

O termo *mythos*, em grego, significa “palavra”, “o que se diz”, “narrativa”. Segundo Eliade (2006, p.11):

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser [...].

Nesse sentido, o mito é uma narrativa que costuma abordar a presença de deuses e explicar os fenômenos da natureza, o que nos possibilita compreender o universo. Assim, o mito não é simples invenção, mas a maneira pela qual uma sociedade narra para si mesma o seu começo e o de toda a realidade. Em outras palavras, os mitos são a expressão mais genuína de um povo, a representação simbólica de seus costumes, de suas crenças e de seus valores. Dessa forma, é por meio deles que o grupo encontra o reflexo de sua identidade, pois cada sociedade molda os mitos à sua própria imagem.

Ainda conforme Eliade (2006), existem dois tipos de mitos, a saber: o *cosmogônico* que relata a criação do Mundo e funciona como o modelo exemplar para toda espécie de criação; e o *mito de origem* que conta um novo aparecimento: um animal, uma planta, as enfermidades, a “queda” do homem, a história das dinastias, das grandes famílias, etc.

Segundo Jean-Pierre Vernant (2006, p. 15-16), de duas maneiras se conservou e se transmitiu essa “massa” de saberes tradicionais que são os mitos:

[...] Primeiro, mediante uma tradição puramente oral exercida boca a boca, em cada lar, sobretudo através das mulheres: contos de amas-de-leite, fábulas de velhas avós [...] e cujo conteúdo as crianças assimilam desde o berço. Em seguida, é pela voz dos poetas que o mundo dos deuses, em sua distância e em sua estranheza, é apresentado aos humanos, em narrativas que põem em cena as potências do além revestindo-as de uma forma familiar, acessível à inteligência. Ouve-se o canto dos poetas, apoiado pela música de um instrumento, já não em particular, num quadro íntimo, mas em

público, durante os banquetes, as festas oficiais, os grandes concursos e os jogos. A atividade literária, que prolonga e modifica, pelo recurso à escrita, uma tradição antiquíssima da poesia oral, ocupa um lugar central na vida social e espiritual da Grécia [...].

Da oralidade para a escrita ocorrem modificações no relato mítico, as alterações decorrem do tratamento artístico dado pelo poeta que o molda ao seu estilo e ao momento histórico e cultural. Apesar dessa certa liberdade que o poeta tem ao transformar o mito em literatura, é necessário manter o máximo possível de conformidade com o mito originário porque correrá o risco da sua narrativa não ser compreendida pelo público.

O mito é um componente indispensável para compreender o mundo e a cultura grega. Diferente do mito, a filosofia rejeita o sobrenatural e as interferências de deuses na explicação dos fenômenos, privilegiando o debate e discussão de ideias. Conforme analisa o historiador Pierre Grimal (1987, p. 8-9):

O mito se opõe ao *logos* como a fantasia à razão, como a palavra que narra à palavra que demonstra. *Logos* e *mythos* são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida do espírito. O *logos* sendo uma argumentação, pretende convencer [...]. O *logos* é verdadeiro, no caso de ser justo e conforme à “lógica”; é falso quando dissimula alguma burla secreta (um “sofisma”). Mas o “mito” tem por finalidade apenas a si mesmo. Acredita-se ou não nele, conforme a própria vontade mediante um ato de fé, caso pareça “belo” ou verossímil, ou simplesmente porque se quer acreditar. O mito, assim, atrai em torno de si toda a parcela do irracional existente no pensamento humano; por sua própria natureza, é aparentado à arte, em todas as suas criações (*Grifos do autor*).

Apesar dessas diferenças, ambos procuram dar um significado, uma explicação, porém devemos tomar cuidado para não pensar em mito como prova de inferioridade intelectual de um povo. Ele dá conta daquilo que ultrapassa o conhecimento de uma época. Assim, na falta de uma explicação “lógica” para um fenômeno, recorre-se ao mito. Nesse sentido, se não houvesse o discurso mítico, certamente não haveria o discurso filosófico.

Foi nos grandes mitos – divinos ou heroicos – herdados do passado que os poetas trágicos recolheram seus temas. O teatro foi assim uma das maneiras de conservar, transmitir e perpetuar os mitos, ajudando dessa forma para que eles não fossem esquecidos. Nesse sentido, os mitos atravessam séculos e chegam até nós

através do aproveitamento poético dado pelos escritores, permitindo que figuras literárias clássicas permaneçam na cultura contemporânea. Graças às incessantes leituras das obras, personagens se transformaram em verdadeiros mitos modernos como, por exemplo, o mito de Édipo, que discorreremos mais adiante.

1.1 A FUNÇÃO RELIGIOSA DOS ORÁCULOS E DOS ADIVINHOS

Os gregos, assim como muitos povos antigos, cultuavam vários deuses – eram politeístas – que embora imortais e dotados de poderes sobrenaturais, também tinham comportamentos, virtudes e defeitos semelhantes aos dos humanos. Os gregos acreditavam que os deuses podiam tanto favorecê-los quanto prejudicá-los, por isso, para obter proteção ofereciam-lhes presentes e faziam-lhes preces, festas e sacrifícios. Além dessas obrigações destacam-se também as peregrinações aos grandes santuários que cada *polis* grega possuía para o deus protetor da sua cidade – a democracia ateniense venerava particularmente Atena, a deusa protetora das artes, dos ofícios e da guerra – e alguns desses templos tinham um oráculo que além de interpretar a vontade dos deuses, podia prevê o futuro.

A influência dos oráculos na Grécia Antiga desempenhou papel muito importante, intervindo quer nos assuntos internos das cidades quer nos conflitos entre Estados. Os consultantes destes oráculos eram personagens privadas ou delegados de uma cidade que queriam saber sobre guerras, negócios e alianças políticas. O oráculo era consultado num templo, em cavernas, em precipícios ou em pleno ar, exprimindo-se, consoante o caso, através do murmúrio das águas ou do vento nas árvores, pela ressonância do vento, pelo voo dos pássaros, pelos sonhos ou pela voz de determinadas pessoas inspiradas. As respostas, muitas vezes ambíguas, davam então lugar a uma interpretação. Os oráculos mais célebres do mundo grego foram os de Zeus em Dodona (no Epiro), do deus egípcio Amon, assimilado a Zeus, na Líbia e, o mais frequentado de todos e mais importante, o de Apolo em Delfos².

² HACQUARD, Georges. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Trad. Maria Helena Trindade Lopes. Lisboa: Divisão Gráfica das Edições ASA, 1996.

Apolo, filho de Zeus e de Leto, é o deus da luz, da razão e patrono da sabedoria. Sobre o portal de entrada do seu santuário está escrita a sua grande mensagem: “*Conhece-te a ti mesmo*”, mostrando para o homem que, o autoconhecimento é a condição de todos os outros conhecimentos verdadeiros.

A partir do século VIII, o santuário de Delfos passou a ser o centro religioso do mundo grego, graças, particularmente, ao oráculo que era consultado para se recolher a palavra do deus Apolo (que tinha como epítetos *Augusto Febo*, *Loxias*, *Lício*) que era transmitida aos fiéis por intermédio de uma sacerdotisa, a Pítia³, que se mantinha sentada sobre uma trípode na borda de uma fenda no solo por onde, segundo a tradição, saía o sopro divino que a fazia entrar em estado de transe para responder às perguntas feitas.

As consultas variavam sobre os mais diversos assuntos, desde os pessoais até os que diziam respeito ao destino das nações. De acordo com Brandão (2012), os fiéis que desejassem interrogar o deus deveriam antes de tudo pagar uma taxa que não era igual para todos, depois purificar-se com água de uma fonte e por último oferecer um sacrifício ao deus (em geral imolava-se um bode ou uma cabra); apenas depois disso podiam fazer uma pergunta, cuja resposta, esperavam, iria guiá-los em seus atos.

Essa resposta era, a julgarmos pelos oráculos que nos foram transmitidos, geralmente enigmática, expressa em termos pouco claros e às vezes ambíguos, que precisavam ser interpretados. Os sacerdotes do deus então encarregavam-se de esclarecer o oráculo aos fiéis, mas mesmo assim a resposta nem sempre era evidente. Os sacerdotes de Delfos encontravam-se assim investidos de grande autoridade, e frequentemente seus serviços foram aproveitados pelos Estados gregos.

Segundo a perspectiva do mito, os deuses eram responsáveis pela determinação do destino, ou seja, a vida e as ações humanas eram guiadas pelas

³ Segundo Brandão (2012), a fim de escolher o lugar onde estabeleceria o seu culto, Apolo resolveu percorrer a Grécia, chegando no santuário, que mais tarde receberia o nome Delfos, que tinha como guardiã uma serpente gigantesca. O deus matou o mostro e deixou-o apodrecer ao sol (o verbo *apodrecer*, em grego, diz-se: *pytho*). Depois, Apolo teve que passar um ano no vale de Temple para purificar-se. As cinzas da cobra foram colocadas num sarcófago e enterradas no *omphalos* (“umbigo”), “o centro do mundo, do Universo”, e a sua pele cobria a trípode sobre que se sentava a sacerdotisa de Apolo, denominada, por essa razão, Pítia ou Pitonisa. Mais tarde, Apolo instituiu, em honra da sua vitória, os jogos fúnebres conhecidos como Jogos Píticos que ocorriam de quatro em quatro anos.

interferências das divindades ou pela própria natureza. Em outras palavras, o ser humano era simples brinquedo, visto que todas as suas ações eram manipuladas pelos deuses, sem deixar margem para a liberdade humana. Nesse sentido, vem a propósito o comentário de Pereira (2006, p. 231):

[...] O oráculo de cada ser que nasce, no entanto, já começa como algo dado, as grandes teias do destino estão traçadas desde o início para o desenrolar das aventuras e das desditas; de acordo com as maquinações divinas, de acordo com as tramas das moiras. Qualquer tentativa de alvedrio maior ante a circunspeção do destino não pode medrar o que já está determinado a secar ou a irromper para ser assomado à vida de cada um dos que sofrem acimados por dúvidas e por desejos.

Conforme tal visão, os deuses eram as forças superiores contra as quais se tornavam impotentes todas as iniciativas humanas. As Moiras, a que os latinos chamam Parcas (deusas filhas da Noite – Nix), são, aos olhos dos antigos, a personificação do destino inevitável de cada homem. Elas são três fiandeiras: Cloto tece o fio (curso) da vida; Láquesis desenrola este fio (destino) e Átropos corta-o.

Além de recorrerem aos oráculos, outra prática prestigiada pelos antigos gregos para conhecer a vontade dos deuses era através dos adivinhos que tinham o dom de interpretar os enigmas, de ver o passado e de prever o futuro. De acordo com Harvey (1998, p. 16), adivinhação é:

O dom ou a arte de descobrir o futuro, era chamada pelos gregos de *mantiké*. Ela se apresentava sob várias formas; podia basear-se na inspiração direta por uma divindade, mediante sonhos ou num estado de êxtase, como aquele no qual a sacerdotisa pítia proferia os oráculos dos deuses, ou podia consistir na interpretação de sinais proféticos de várias espécies ou de fenômenos incomuns como um eclipse e os meteoros [...]. Os gregos tinham intérpretes especializados em presságios, principalmente nos relacionados com sacrifícios [...] (*Grifo do autor*).

Segundo a tradição, o voo dos pássaros era um dos sinais a que os adivinhos recorriam para seus vaticínios, além disso, o pio das aves tinha significação especial para eles.

1.2 OS LABDÁCIDAS: O MITO DE ÉDIPO

O mito de Édipo vincula-se à história dos Labdácidas, heróis tebanos da linhagem de Cadmo, fundador de Tebas. Segundo Brandão (2011), tudo começa quando Zeus, apaixonado por Europa, se transforma em touro para raptá-la. Agenor ordena a mulher Telefassa e a seus três filhos mais velhos Fênix, Cílix e Cadmo que a procurassem por todo o mundo e que não regressassem sem ela. Com a morte da mãe, Cadmo consulta o oráculo e este lhe ordena que abandonasse em definitivo a busca pela irmã Europa e fundasse uma cidade; para tanto, deveria seguir uma vaca até onde ela caísse de cansaço.

Ainda de acordo com Brandão (op. cit.), Cadmo manda os seus companheiros a uma fonte vizinha, consagrada a Ares, em busca de água, mas um dragão os mata. O filho de Agenor consegue liquidar o monstro e, a conselho de Atena, semeou-lhe os dentes, do que nasceram gigantes ameaçadores, aos quais deu o nome de *Spartoi*, os “Semeados”. Porém, Cadmo durante oito anos teve que servir como escravo ao deus Ares por ter matado o seu dragão. Depois de cumprida essa tarefa, Zeus lhe deu como esposa Harmonia, filha do mesmo Ares. Desse união nasceram Ino, Agave, Sêmele e Polidoro. Este último se casara com Nictéis (ou Antíope) e tem o filho Lábdaco, que por ventura será o pai de Laio.

Quando Lábdaco morreu, seu filho Laio tinha apenas um ano e sendo assim não poderia assumir o trono de Tebas. Diante das várias disputas pelo trono, Laio foge da cidade e busca asilo na corte do rei Pélops. Já adulto, Laio se apaixona por, Crisipo, filho do rei, e tenta raptar o jovem, que se suicida. Pélops, então, amaldiçoa Laio desejando-lhe o castigo de ser morto pelo próprio filho.

Posteriormente Laio casa-se com Jocasta (ou Epicasta, de acordo com algumas versões do mito), irmã de Creonte, e torna-se rei de Tebas. Contudo, temendo que a maldição se cumprisse, Laio resolve consultar o oráculo de Delfos e este adverte-lhe que se nascesse um filho dele e de Jocasta, essa criança o mataria e casaria com a mãe. Porém, o casal teve um filho e temendo à concretização da profecia, eles resolvem dar o recém-nascido a um dos pastores de seus rebanhos para ser abandonado na região inóspita do monte Citéron, após perfurar-lhe os pés e amarrá-los. Daí provém o nome Édipo (*Oidípous*: “Pés inchados”).

Entretanto, o pastor entregou-o a um companheiro de profissão, que costumava levar os rebanhos de Pólibo, rei de Corinto, às pastagens situadas no vale do Citéron. Esse pastor levou o menino a seu senhor, o rei Pólibo, que ainda não tinha filhos com a mulher Mérope (ou Peribeia), que criaram Édipo como se fosse seu filho legítimo.

Já adulto, Édipo é insultado por um habitante de Corinto, que estava embriagado e o chamou de filho adotivo. Diante dessa revelação, Édipo se dirige a Delfos para consultar o oráculo de Apolo a respeito de sua ascendência. O deus revelou-lhe que seu destino era um dia matar o pai e casar-se com a própria mãe. Espantado com essa profecia e supondo que Pólibo e Mérope fossem seus verdadeiros pais, Édipo resolveu não voltar jamais a Corinto.

No decorrer da viagem, o seu carro fica encurralado em uma encruzilhada de três caminhos, juntamente com outro carro, que se dirigia em sentido contrário, em que vinha um homem idoso seguido por criados. De forma arrogante, o homem ordenou-lhe insolentemente que deixasse o caminho livre para sua passagem, mas como Édipo desobedeceu às ordens, um dos criados da comitiva o espancou. Édipo reagiu e matou o homem que vinha no carro, sem saber que se tratava de Laio, seu verdadeiro pai, e os criados que o acompanhavam, à exceção de um que fugiu. Estava assim cumprida a primeira parte da profecia.

Em seguida Édipo chega a Tebas e depara-se com a Esfinge, um monstro metade leão, metade mulher, que lançava enigmas aos viajantes e devorava quem não os decifrasse. O enigma proposto pela Esfinge era o seguinte: “Qual o animal que de manhã tem quatro pés, dois ao meio-dia e três à tarde?” Édipo compreendeu que se tratava do homem e respondeu: “É o homem, pois na manhã da vida (infância) engatinha com pés e mãos; ao meio-dia (na fase adulta) anda sobre dois pés; e à tarde (velhice) necessita das duas pernas e do apoio de uma bengala”.

Furiosa por ver o enigma resolvido, a Esfinge precipita-se contra os rochedos. Tebas, salva desse flagelo, fez de Édipo o rei da cidade e lhe deu em casamento Jocasta, viúva de Laio e, portanto, mãe de Édipo. Estava assim realizada a segunda etapa da predição do oráculo, embora Édipo e Jocasta permanecessem na ignorância da imensidade de seu infortúnio. Durante muito tempo Édipo governou Tebas; de seu casamento com Jocasta nasceram duas filhas – Antígona e Ismene – e dois filhos – Polinices e Etéocles.

Tudo parecia tranquilo em Tebas, quando repentinamente a cidade é assolada por uma violenta peste que dizimava os habitantes. Compelido pela calamidade, Édipo enviou seu cunhado Creonte a Delfos a fim de consultar o oráculo sobre as causas da peste e os meios de contê-la. Nesse ponto, inicia-se a tragédia *Édipo Rei* escrita por Sófocles.

2 SÓFOCLES E SUA ÉPOCA

As notícias biográficas a respeito dos tragediógrafos gregos são vagas, mas ainda assim convém relatar alguns dados. Sófocles é considerado um dos maiores autores trágicos da Literatura Grega do Período Clássico, também denominado Ático (século V – IV a. C.). Essa época foi muito rica cultural e literalmente, pois produziu o maior nível artístico e intelectual do Ocidente. Infelizmente, muitos textos se perderam ao longo desses séculos que nos separam.

Sófocles (496-406 a.C.) nasceu no burgo ateniense de Colono. Casou-se com a ateniense Nicóstrata, de quem teve um filho, Iofonte, que se tornou dramaturgo. Com a amante Teorís teve outro filho, chamado Ariston, que lhe deu o neto que recebeu o seu nome Sófocles; este foi responsável pela encenação da tragédia *Édipo em Colono*, em 401.

A carreira de Sófocles como autor teatral foi marcada por êxitos esplêndidos. Aos 28 anos de idade, obteve sua primeira vitória num concurso trágico em que venceu Ésquilo, o mais velho dos três grandes tragediógrafos da Grécia clássica. Compôs aproximadamente 123 peças teatrais e obteve 24 vitórias nos concursos trágicos, teve o primeiro lugar dezoito vezes nas Dionísias e seis vitórias nas Lenéias. Consta também que Sófocles, quando não alcançou a primeira, sempre teve pelo menos a segunda colocação nos concursos de que participou. Este foi o caso da estreia da peça *Édipo Rei*, que o consagrou como o maior trágico de sua época.

Das 123 tragédias escritas por Sófocles, apenas sete chegaram aos dias atuais: *Ájax*, *Antígona*, *Édipo Rei*, *Traquínias*, *Electra*, *Filoctetes* e *Édipo em Colono*; um drama satírico incompleto (*Os sabujas*) e numerosos fragmentos de peças perdidas, conservados em obras de autores posteriores. Sófocles inovou a técnica teatral graças à inserção de um terceiro ator no palco (tritagonista). Desse modo, foi ampliado o número de personagens, uma vez que um ator poderia desempenhar vários papéis.

Além dos grandes êxitos obtidos e do sucesso na carreira de dramaturgo, Sófocles presenciou a expansão do império ateniense, as alterações políticas em curso e o apogeu da democracia com Péricles. O poeta participou ativamente da

vida política de sua pátria; foi membro do colégio dos tesoureiros e eleito no mínimo duas vezes estrategista (comandante do exército em expedições militares).

A Grécia não constituiu um Estado unificado, mas um conjunto de mais de 1.500 cidades-estados ou *poleis* (plural de *polis*), completamente independentes uma das outras, sendo que duas delas tiveram mais destaque: Atenas e Esparta, que seguiram processos de desenvolvimento diferentes. Cada uma com organização administrativa, socioeconômica e política distintas, ligadas, no entanto, por uma identidade cultural e linguística.

A formação das primeiras aglomerações urbanas ocasionou mudanças na estrutura social, política e econômica de Atenas, tais como: a invenção da escrita e da moeda (*dracma*), o desenvolvimento do comércio e as primeiras leis escritas. A *polis* tinha como centro a *Ágora* (ambiente da vida cívica e do debate político), onde ocorriam vários debates abertos, nos quais se confrontavam argumentos e opiniões conflitantes. Essa é uma das razões por que a oratória e a argumentação racional foram valorizadas.

Atenas, hoje a capital da Grécia, foi fundada pelos Jônios no centro da planície da *Ática*, próximo ao Mar Egeu. Passou por formas de governo como a monarquia, a aristocracia, a oligarquia, a tirania e a democracia. A sociedade ateniense era dividida em: *eupátridas* (“bem-nascidos”), ou seja, membros da aristocracia; *georgói*, ou camponeses; e *demiourgói*, ou artesãos. Estes três grandes grupos compunham a classe de cidadãos, ou seja, homens livres, maiores de dezoito anos, filhos de pais atenienses e que tinham o direito de adquirir terras e de participar do governo da cidade.

Até meados do século VIII a.C., Atenas vivia sob o regime monárquico, era governada por um *basileus* (rei), que acumulava as funções de chefe militar, jurídico e religioso, “representante da divindade”. Entretanto, a monarquia não durou muito tempo, visto que a aristocracia eupátrida fortaleceu-se em detrimento dos reis. O poder passou então para as mãos de uma oligarquia de nobres, os arcontes. Estes tinham o privilégio de aplicação da justiça, pois lhes cabia a interpretação de leis não escritas, que apenas eles conheciam a fundo.

Em meados do século VII a.C., a cidade foi envolvida por lutas entre o *demos* (povo) e os eupátridas, visto que o partido aristocrático recusou-se a fazer concessões ao partido popular, que exigia o fim da escravidão por dívidas, a

redistribuição das terras, leis escritas e maior participação no governo. Como resultado político dessa crise, surgiram os legisladores ou reformadores que destacaram o caráter humano das leis e não mais o divino.

Em 621 a.C., o arconte Drácon foi encarregado de redigir um código de leis válidas para todos com o objetivo de impor a presença do Estado como distribuidor de justiça, assinalando desse modo a passagem da *justiça privada* para a *pública*. Contudo, os privilégios dos aristocratas foram mantidos e os conflitos sociais continuaram, já que a situação dos camponeses não havia mudado.

O segundo legislador a assumir o poder foi o arconte Sólon que em 594 a.C. decretou a abolição da escravidão por dívidas e a libertação dos devedores escravizados. Além disso, pôs fim ao monopólio político com a substituição do critério de nascimento pelo de riqueza, dividindo a sociedade em quatro classes de acordo com a renda (rendimento da terra); criou o Conselho dos Quatrocentos (*Bulé*) e o tribunal popular (*Helieu* ou *Heliéa*).

Contudo, as reformas de Sólon não foram suficientes para conter todas as tensões sociais. Como consequência disso, em 546 a.C., Pisístrato, apoiado pelo partido popular, tornou-se o primeiro tirano⁴ de Atenas. Seu governo destacou-se pelo caráter antiaristocrático, tendo realizado inúmeras obras públicas geradoras de empregos para os pobres; além disso, empreendeu uma reforma agrária, distribuindo terras e empréstimos aos camponeses; incentivou as artes, prestigiou festas esportivas, construiu vários templos para o culto de diversos deuses; patrocinou grandes festas religiosas, como as *Lenéias* e as *Grandes Dionisíacas* ou *Dionísias*; e promoveu os torneios teatrais que contavam tanto com o concurso de ditirambo (hino a Dionísio), quanto com um dramático.

Um das principais expressões da arte grega, o teatro tem suas origens ligadas às Dionisíacas, festas que ocorriam entre os meses de março e abril, durante a primavera em homenagem a Dionísio, filho de Zeus (pai dos deuses) e de Sêmele (princesa tebana), deus do vinho, da vegetação e da fecundidade. Essas festividades incluíam, além de sacrifícios, danças, músicas e poesias. Desses

⁴ [...] À tradição, porém, agradava fazer do tirano o defensor do povo, do *demos*, contra os ricos e os poderosos. Apesar de confiscar o poder político em proveito próprio, eram-lhe frequentemente atribuídas medidas destinadas a agradar os camponeses mais pobres: partilhas das terras, abolição das dívidas, empréstimos diversos etc. [...] (MOSSÉ, 2004, p. 274).

festivais originaram-se os dois gêneros clássicos do teatro grego: a tragédia e a comédia.

Conforme Marques Júnior (2008), os concursos duravam três dias para as tragédias e um para as comédias, e no início, as peças eram representadas em praça pública, depois por conta do afluxo de espectadores e para dar uma melhor visualização da encenação foi construído o teatro de Dionísio, ao pé da Acrópole, parte alta da cidade de Atenas. Segundo a tradição, a tragédia foi criada por Téspis, ao introduzir diante do coro um ator que dialogava com ele.

Hiparco e Hípias, filhos e sucessores de Pisístrato, não conseguiram dar continuidade a sua política, e em 508 a.C. a escolha de Clístenes como arconte marcou o fim do governo dos tiranos. As suas reformas político-administrativas instituíram a democracia ateniense – com o objetivo de proporcionar aos cidadãos uma maior participação nas decisões políticas da cidade –, que floresceria no século V a.C. – o *Século de Ouro* de Atenas, também conhecido como *Século de Péricles*. Começa nesse período a projeção de Atenas como grande centro comercial, político e cultural da Grécia.

Durante o governo de Péricles (461 a 429 a. C.) foram construídas inúmeras obras como templos e teatros, além disso a democracia ateniense consolidou-se e atingiu sua plenitude. Tratava-se de uma democracia direta e não por eleição de representantes, ou seja, os cidadãos gregos que se reuniam nas assembleias eram os responsáveis pelas decisões políticas da *polis*, como por exemplo criação de impostos, aprovação de obras públicas e eleição de magistrados.

Até o século VI a.C. o pensamento mítico e religioso sobre os homens era predominante, assim a ideia de que o destino era governado pelos deuses e não pelas escolhas feitas pelo ser humano era aceita, sem discussão, por toda parte. Contudo, nesse momento, a democracia grega possuía três princípios de grande importância para o futuro da filosofia que colocaria em questionamento os mitos (a tradição, os oráculos e os deuses). O primeiro princípio, *isonomia*, afirmava a igualdade de todos os homens adultos perante as leis, já o segundo garantia o direito ao acesso à palavra na assembleia (*isegoria*). E por último, a *isocracia* permitia a todos a participação no governo. Tudo isso favoreceu o surgimento da

figura política do cidadão⁵, e como consequência, a educação antiga do jovem guerreiro belo foi substituída pela formação do bom orador – aquele que sabia falar em público e persuadir os outros de suas próprias ideias e opiniões nas assembleias – visto que já não atendia às exigências da sociedade grega.

Para dar aos jovens essa educação surgiram, na Grécia, os sofistas (etimologicamente o termo *sofista* significa “sábio”), os primeiros filósofos interessados na figura do homem e nas relações políticas do homem com a sociedade. Através da oratória e da retórica, eles ensinavam técnicas de persuasão e de argumentação aos interessados para que triunfassem nos debates políticos.

Sócrates fez muitas críticas aos sofistas, pois não concordava com a forma, com os métodos e, principalmente, com a remuneração que cobravam em troca dos ensinamentos. Discordando dos antigos poetas, dos filósofos cosmologistas⁶ e dos sofistas, Sócrates propunha que, antes de tentar persuadir os outros, compreender e explicar os fenômenos da natureza, o homem deveria, primeiro e antes de tudo, “*conhecer-se a si mesmo*” (frase adaptada do Oráculo de Delfos).

Todas essas mudanças radicais contribuíram para uma nova racionalidade do pensamento ateniense, visto que as explicações dadas pela religião, pela tradição e pelos mitos sobre a origem das coisas já não satisfaziam os questionamentos feitos pelo homem. Nesse sentido, de uma explicação mítica que entendia que o homem e todas as coisas tinham sido geradas por deuses, o homem elaborou novas explicações racionais a partir da reflexão sobre si e sobre o mundo.

Nesse período, acontece o auge da tragédia que por meio de diversas fontes chegaram até nós nomes de 150 autores trágicos, mas com exceção de alguns

⁵ Em Atenas, eram considerados cidadãos aproximadamente apenas 10% da população da cidade, devido à exclusão de estrangeiros (metecos), que eram proibidos de adquirirem terras; escravos e mulheres da vida pública. A elas estava reservado apenas o espaço da *oikia* (casa, lar) e não o da *polis*; tinham apenas uma função: a de gerar filhos, de preferência homens. Oprimidas e submissas ao mundo masculino, a sua situação chegou a ser equiparada à dos próprios escravos. Vale salientar ainda que a difusão da escravidão caminhou paralelamente ao aparecimento da democracia, pois para que os homens livres pudessem dedicar-se às atividades intelectuais, políticas e de lazer, foi preciso transferir para os escravos não só o trabalho pesado, mas também as tarefas manuais corriqueiras. Nesse caso, o fato de morar na mesma cidade não tornava seus habitantes igualmente cidadãos.

⁶ Procurando fugir das antigas explicações mitológicas sobre a criação do mundo, os filósofos cosmologistas tentaram descobrir, com base na razão, o princípio substancial ou substância primordial (a *arché*, em grego) existente em todos os seres materiais, isto é, a “matéria-prima” de que são feitas todas as coisas. Para Tales de Mileto era a água, para Heráclito de Éfeso era o fogo, para Anaxímenes de Mileto era o ar e para Empédocles de Agrigento eram todos esses elementos.

raros fragmentos, sobreviveram obras completas de apenas três: Ésquilo (considerado “pai da tragédia”), Sófocles e Eurípides, legando-nos obras-primas como *Orestéia*, *Édipo Rei* e *Hécuba*, respectivamente.

É nesse cenário histórico que ocorre a passagem do saber mítico para o pensamento racional e filosófico. Porém, vale ressaltar que essa mudança ocorreu durante longo processo histórico, sem um rompimento brusco e imediato com as formas de conhecimentos utilizados no passado. E Sófocles esteve atento a essas transformações sociais, políticas e culturais por que passou Atenas do século V a.C., de modo a interpretar os fatos históricos e a sociedade por intermédio de suas obras.

3 ATUALIZAÇÃO IDEOLÓGICA DO MITO DE ÉDIPO EM SÓFOCLES

Discutindo a tão propalada crise da Ideologia, Slavoj Žižek (1996, p. 9) propõe um dos conceitos de Ideologia nos seguintes termos:

[...] “Ideologia” pode designar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa que desconhece sua dependência em relação à realidade social, até um conjunto de crenças voltado para a ação; desde o meio essencial em que os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social até as ideias falsas que legitimam um poder político dominante. Ela parece surgir exatamente quando tentamos evitá-la e deixa de aparecer onde claramente se esperaria que existisse.

Adaptando tal conceito, diríamos que o grego do século V a.C. atualiza o mito de forma ideológica na medida em que o retoma e o ressignifica conforme os valores, as crenças, o conhecimento e os interesses da *polis* e dos cidadãos em suas tensões políticas e sociais.

Os tragediógrafos buscavam nos relatos míticos os temas de suas peças, situadas assim em um passado remoto, ainda que frequentemente as reflexões de um personagem remetessem a preocupações do momento da escrita. O tema de uma peça em geral consistia num episódio particularmente significativo do mito em que se baseava. Isso explica, de certo modo, porque muitas tragédias se iniciam *in medias res*, como por exemplo, *Édipo Rei*, de Sófocles, que começa quando termina o mito e o autor recorre ao *flashback* para recompor o restante da obra.

A história de Édipo já se encontra nos poemas *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero. No primeiro, diz o narrador que Édipo reinou em Tebas, mas silencia sobre o parricídio e o incesto, enquanto no segundo menciona-os por alto e refere-se aos castigos que Édipo sofreu, sem declará-los. Além disso, vemos que Ulisses, fazendo a evocação dos mortos, vê, entre as sombras que lhe aparecem, a de Epicasta, mãe de Édipo⁷. Mas é, sobretudo na tragédia clássica que temos o relato, fragmentado

⁷ Vi também a mãe de Édipo, a bela Epicasta. Ela, sem o saber, cometeu um grande crime, casando-se com o filho, que a desposou após matar e despojar o pai. Os deuses rapidamente fizeram que a notícia circulasse entre os homens. Édipo, todavia, apesar de tantos sofrimentos por funestos desígnios dos deuses, continuou a reinar sobre os cadmeus, na muito amada Tebas. Ela, porém, desceu à mansão de Hades, de sólidas portas, depois de atar, dominada pela dor, um laço a uma alta viga, deixando ao filho, como herança, inúmeros sofrimentos com que as Erínias punem os delitos cometidos contra uma mãe (ODISSEIA, HOMERO, 1999).

embora, do mito com todos os seus elementos. O mito de Édipo foi um dos temas preferidos pelos tragediógrafos gregos, entre eles, Ésquilo (que também escreveu um *Édipo* do qual nos restam fragmentos), *Os setes chefes contra Tebas*, *Édipo Rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*, de Sófocles, e as *Fenícias*, de Eurípides.

De acordo com Mafra (2010), o mito de Édipo comporta elementos ancestrais relacionados pela tradição do oráculo: seu trisavô Cadmo, ouvindo o oráculo, abandona a busca da irmã Europa e, seguindo os passos de uma novilha, funda Tebas; o avô Lábdaco (“o manco”), pai de Laio, é despedaçado pelas bacantes por ter-se oposto ao culto de Dionísio; Laio, seu pai, é amaldiçoado por Pélops que profere que Laio seria morto pelo filho. Consultado Apolo, este confirma a maldição, mas no furor dionisiaco, Édipo é concebido. Para fugir da profecia, Laio e Jocasta decidem entregar o filho a um pastor para ser abandonado no monte Citéron. No entanto, a criança sobrevive e quando adulta procura o oráculo de Delfos para saber quem são seus pais verdadeiros.

Sófocles não faz referência a maldição familiar dos Labdácidas, mas a substitui pela investigação do assassinato de Laio e a indagação sobre a identidade de Édipo. Além disso, o oráculo se pronuncia mais uma vez quando Creonte dirige-se a Delfos para saber como solucionar o flagelo que tombara sobre Tebas, a peste também é introduzida pelo poeta, sob influência talvez da peste que assolou Atenas. Conforme Szondi (2004, p. 90-91) aconteceram outras modificações no mito de Édipo:

[...] Segundo Ésquilo, o rei foi informado de que os tebanos só iriam sobreviver se ele morresse sem filhos. Para gerar alguma descendência, ele deveria renunciar a ter descendentes, pois aqui o herdeiro, que em outros casos salva a linhagem de extinção, causaria seu desaparecimento. [...]. As versões de Sófocles e de Eurípides têm em comum o fato de que fora vaticinado ao rei que seu filho iria assassiná-lo. [...]. Em Eurípides, o oráculo tem a forma da advertência. Tomado pela embriaguez e pela cobiça, Laio acaba gerando um filho e se tornando culpado-inocente. [...]. Em Sófocles, o oráculo não aparece como advertência, o que intensifica ainda mais sua tragicidade. Sem a proibição prévia de gerar um filho, Laio fica sabendo que um dia será morto por ele; ao contrário da advertência, esse conhecimento não admite qualquer possibilidade de salvação [...].

Vale ressaltar que na tragédia *Édipo Rei* – representada pela primeira vez provavelmente em 430 a.C., em Atenas – não há atuação de deuses como

personagens, porém eles agem através das palavras proferidas pelo oráculo, e este fala três vezes, sendo que a primeira para Laio, a segunda para Édipo e a última para Creonte. A atuação do oráculo será fundamental para o desenrolar dos acontecimentos e, conseqüentemente, para o desfecho da peça. Dessa forma, teremos de um lado a figura do oráculo e do adivinho Tirésias e, do outro, Édipo e Jocasta. Nesse sentido, a tragédia *Édipo Rei* parece discutir o diálogo entre a verdade proposta pela tradição – representada pelo oráculo – e a ação humana guiada pela inteligência, conduzindo assim o drama em duas direções: o plano dos deuses e o plano dos homens.

A peça inicia-se com a investigação empreendida pelo rei Édipo para descobrir os fatos terríveis que motivaram uma peste que tombara sobre Tebas. O rei envia seu cunhado Creonte, irmão de Jocasta, a Delfos para consultar o oráculo e este lhe responde que a peste não findaria até que o assassino de Laio, antigo rei de Tebas, fosse banido da cidade. Em seguida, aconselhado por Creonte, Édipo manda buscar o adivinho Tirésias, que apesar de relutante, afirma que Édipo é o assassino que procura. Nesse momento, o rei chega a pensar num conluio do cunhado com o profeta para destituí-lo do poder.

[...] Creonte, em tempos idos amigo fiel, agora se insinua insidiosamente por trás de mim e anseia por aniquilar-me, levado por um feiticeiro, charlatão, conspirador que só tem olhos para o ouro e é cego em sua própria arte e em tudo mais! Pois dize! Quando foste um vate fidedigno? Por que silenciaste diante dos tebanos ansiosos por palavras esclarecedoras na época em que a Esfinge lhe propunha enigmas? E não seria de esperar que um forasteiro viesse interpretar os versos tenebrosos; dom profético te credenciaria, mas não o possuías, como todos viram, nem por inspiração das aves, nem dos deuses. Pois eu cheguei, sem nada conhecer, eu, Édipo, e impus silêncio à Esfinge; veio a solução de minha mente e não de aves agoueiradas. E tentas derrubar-me exatamente a mim, na ânsia de chegar ao trono com Creonte! [...] (SÓFOCLES, 2001, p. 37).

Édipo se acha mais sábio que Tirésias, porque foi capaz de decifrar os enigmas da esfinge que outrora atormentava Tebas. Ele encontrou a resposta do enigma, ao passo que o adivinho, com sua inspiração e os sinais que decifra, era incapaz de fornecê-la. O rei não demonstra o mínimo respeito e contesta o dom do profeta, acusando-o de “charlatão”. Édipo transgrediu a ordem, pois está dominado

pela cegueira do poder, de modo que não admite as suas limitações e não consegue enxergar a verdade que até mesmo o cego Tirésias vê.

[...] Agora ouve: o homem que vens procurando entre ameaças e discursos incessantes sobre o crime contra o rei Laio, esse homem, Édipo, está aqui em Tebas e se faz passar por estrangeiro, mas todos verão bem cedo que ele nasceu aqui e essa revelação não há de lhe proporcionar prazer algum; ele, que agora vê demais, ficará cego; ele, que agora é rico, pedirá esmolas e arrastará seus passos em terras de exílio, tateando o chão à sua frente com um bordão. Dentro de pouco tempo saberá que ele ao mesmo tempo é irmão e pai dos muitos filhos com quem vive, filho e consorte da mulher de quem nasceu; e que ele fecundou a esposa do próprio pai depois de havê-lo assassinado! Vai e reflete sobre isso em teu palácio e se me convenceres de que agora minto então terás direito de dizer bem alto que não há sapiência em minhas profecias! (SÓFOCLES, 2001, p. 40).

Através dos fatos ocultos, dos sinais vindos do céu, do voo dos pássaros e por ser o profeta mais próximo de Febo (epíteto de Apolo), Tirésias sabe de tudo, quem matou Laio e quem é Édipo. Mas, o conhecimento do adivinho representa na cidade a sabedoria medíocre da idade avançada, enquanto Édipo é visto como “o melhor dos homens”, “senhor onipotente”, “decifrador dos enigmas da Esfinge”, “renomado”, enfim o “sábio”.

A acusação do complô obriga Creonte a aparecer para defender-se, dando origem a uma discussão que resulta na interferência de Jocasta, interferência esta que apressa a descoberta, pois a rainha, a fim de tranquilizar o marido das palavras de Tirésias, conta um fato que acontecera com ela e com Laio.

Não há razões, então, para inquietação; ouve-me atentamente e ficarás sabendo que o dom divinatório não foi concedido a nenhum dos mortais; em escassas palavras vou dar-te provas disso. Não direi Febo, mas um de seus intérpretes, há muito tempo comunicou a Laio, por meio dos oráculos, que um filho meu e dele o assassinaria; pois apesar desses oráculos notórios todos afirmam que assaltantes de outras terras mataram Laio há tantos anos numa encruzilhada. Vivia nosso filho seu terceiro dia quando rei Laio lhe amarrou os tornozelos e o pôs em mãos de estranhos, que o lançaram logo em precipícios da montanha inacessível. Naquele tempo Apolo não realizou as predições: o filho único de Laio não se tornou o matador do próprio pai; não se concretizaram as apreensões do rei que tanto receava terminar seus dias golpeado pelo ser que lhe devia a vida. Falharam os oráculos; o próprio deus evidencia seus designios quando quer, sem recorrer a intérpretes, somente ele (SÓFOCLES, 2001, p. 54-55).

Jocasta se mostra cética ao questionar e menosprezar o adivinho Tirésias e os oráculos, mas ela faz isso porque acredita que a criança está morta e não sabe que aquele com quem está casada, na verdade, é o seu filho, pois o pastor encarregado do sacrifício condeu-se do recém-nascido, entregando-o a um pastor que o levou para Pólibo, o rei de Corinto. Este, junto com a mulher, Mérope, deu à criança o nome de Édipo (“pés inchados”) justamente pelo edema que trazia nos pés.

A fala da rainha, no entanto, em vez de aquietar, deixou o herói sacudido pela referência à encruzilhada; então ele faz várias perguntas: onde exatamente se deu o assassinato, há quanto tempo e como era Laio fisicamente. Jocasta revela que o ocorrido se deu na região da Fócia, nas estradas de Delfos e Dáulia e pouco antes de Édipo assumir o poder em Tebas. Observa, ainda: “Laio tinha traços teus”. Todos esses pormenores fornecidos pela esposa levam o rei a um desespero. A tentativa de reflexão e do conhecimento empreendida por Édipo retrata o *logos* nascente, pois ele procede da mesma forma que o filósofo Sócrates, ou seja, mediante perguntas que levam a outras, compreendendo que nada sabia.

Todas as informações sobre o assassinato de Laio foram transmitidas pelo serviçal que estava presente quando aconteceu o crime, mas que conseguiu se salvar. Insistindo sempre em seu propósito, Édipo dá ordens para trazerem à sua presença o idoso pastor, mas Jocasta tenta demover Édipo dessa busca, afirmando que “[...] Também, de hoje em diante não mais olharei à esquerda ou à direita em busca de presságios” (SÓFOCLES, 2001, p. 61). Nesse momento, o coro declara que: “[...] Desprezam os oráculos ditados a Laio, como se nada valessem; Apolo agora não é adorado com o esplendor antigo em parte alguma; a reverência aos deuses já se extingue” (SÓFOCLES, op. cit., p. 62). Notamos aqui a ação humana colocando em prática o exercício pleno da vontade e da liberdade, além disso, o esquecimento dos oráculos, a decadência religiosa e que os deuses começam a perder o seu espaço, pois Jocasta afirma o seu ceticismo porque tem certeza que as profecias dos oráculos não têm mais valor, visto que “não foram cumpridas”. Procurando tranquilizar o marido, Jocasta põe em dúvida o saber de Tirésias, isto é, a veracidade dos adivinhos, porta-vozes do Oráculo.

Esse não é o único momento de contestação dos poderes divinos dos oráculos. Enquanto esperam a chegada do serviçal de Laio, aparece um mensageiro

de Corinto que anuncia a morte natural de Pólipo. Isso traz para Édipo a certeza da falsidade das profecias, por ver que o “pai” não morrera por suas mãos. Nesse momento, Édipo zomba dos vaticínios, pondo-se superior aos deuses. Lemos na peça de Sófocles o seguinte diálogo entre Édipo e Jocasta:

Por quê, mulher, devemos dar tanta atenção ao fogo divinal da profetisa pítica ou, mais ainda, aos pios das etéreas aves? Segundo antigas predições eu deveria matar meu próprio pai; agora ele repousa debaixo da pesada terra e quanto a mim não pus as mãos ultimamente em qualquer arma. (*Ironicamente*) [...] De qualquer forma Pólipo pertence agora ao reino de Hades e também levou com ele as tristes profecias. Não, esses oráculos carecem todos de qualquer significado (SÓFOCLES, 2001, p. 66).

Édipo pensa ter-se libertado das ameaças do destino, mas, nesse instante, há uma reviravolta imprevista (peripécia), pois o mensageiro anuncia, com a melhor das intenções, que Pólipo não é seu pai nem Mérope sua mãe e que Édipo fora entregue no monte Citéron por um pastor que trabalhava para Laio. A verdade ainda não fora totalmente revelada, pois ela só vem a ser confirmada com a chegada do serviçal de Laio que, pressionado a falar, diz que recebeu uma criança de Jocasta e de Laio e a entregou a um pastor do rei de Corinto.

Nesse momento, Édipo recapitula a cadeia dos acontecimentos e reconhece como verdadeiras as palavras proféticas do adivinho Tirésias. Diante dos fatos, Jocasta enforca-se e Édipo, vendo o corpo pendurado da mãe e esposa arranca das vestes os alfinetes de ouro com que a rainha se adornava e, perfura os próprios olhos, tomando depois o caminho do exílio, a partir do que o trono de Tebas fica sob a responsabilidade de Creonte.

Tomando como base a frase do Oráculo de Apolo: “Conhece-te a ti mesmo”, podemos afirmar que, na peça, a movimentação de Édipo acaba levando-o a esse conhecimento, visto que ele descobre verdades sobre si mesmo, pois toda a tragédia gira em torno da descoberta de Édipo dos fatos terríveis que motivaram a peste e essa descoberta resulta quase inteiramente da insistência do próprio criminoso em elucidar os fatos.

Édipo conseguiu decifrar o enigma da Esfinge sem o auxílio dos deuses, mas não conseguiu decifrar-se a tempo, ou melhor, reconhecer a si mesmo. Respondendo corretamente que era o homem, Édipo está fornecendo não só o nome da sua espécie, mas o seu nome individual (Oidipus: “dipus”: “dois pés”). De

acordo com Brandão (2011), Édipo não percebe que o enigma da Esfinge alude à sua própria deformação, não se dando conta de que ele mesmo é o homem. Nessa perspectiva, a resposta é “eu mesmo”, isto é, resolver o enigma converte-se em “conhece-te a ti mesmo”. Nesse sentido, vem a propósito o comentário de Vernant (2006, p. 88):

Para o oráculo de Delfos, “Conhece-te a ti mesmo” significava: fica ciente de que não és deus e não cometes o erro de pretender tornar-te um. Para o Sócrates de Platão, que retoma a frase a seu modo, ela quer dizer: conhece o deus que, em ti, és tu mesmo. Esforça-te por te tornares, tanto quanto possível, semelhante ao deus.

Apesar de Édipo apresentar características mediadoras como um herói que tende ao melhor, ele é humano e como tal apresenta falhas. Édipo assim como Sócrates representa o esforço da razão em compreender o mundo e orientar a ação. Quando Édipo intuiu ser ele próprio o assassino procurado em Tebas, levou o inquérito até o fim como se estivesse em busca da própria identidade. Verificamos que no final a profecia foi realizada, entretanto, isso não significa que Édipo foi um ser passivo. Uma prova disso é o momento em que o herói se cega e o Corifeu o interroga sobre qual a divindade que o fez praticar tal ato, ele responde:

Foi Apolo! Foi sim, meu amigo! Foi Apolo o autor de meus males, de meus males terríveis; foi ele! Mas fui eu quem vazou os meus olhos. Mais ninguém. Fui eu mesmo, o infeliz! Para que serviriam os meus olhos quando nada me resta de bom para ver? Para que serviriam? (SÓFOCLES, 2001, p. 88).

Notamos que a maldição de Édipo (seu futuro) nasce da sua própria boca quando profere as palavras contra o assassino de Laio. Apolo não prediz o suicídio de Jocasta, a descoberta que Édipo vem a fazer de sua própria identidade, nem o seu autocegamento e nem que ele se tornaria o rei de Tebas. Assim, Édipo supera o destino anunciado pelo oráculo, realizando simultaneamente a predição. Mesmo com o risco de sua segurança, de sua honra e de sua vida, Édipo foi até o fim para conhecer toda a verdade sobre a sua origem.

Vemos de um lado o poder exercido por Édipo e de outro a defesa da tradição por Tirésias; apesar deste ser questionado várias vezes pelo soberano rei, as palavras do adivinho são confirmadas. Assim, podemos questionar porque mesmo

intervindo para que o seu destino não se cumpra, as profecias dos oráculos se concretizaram. Em primeiro lugar, não podemos afirmar que tudo isso aconteceu porque estava prescrito pelo oráculo, pois os personagens questionam o destino e se recusam a sucumbir aos desígnios divinos. Um bom exemplo disso é Édipo que representa um herói trágico não pode ter seu destino determinado pela profecia do oráculo, mas por agir para que esse destino não ocorra. E segundo, temos que levar em consideração o contexto histórico em que está inserido o teatro na época de Sófocles.

Sabemos que a tradição (o mito, de que faz parte o oráculo) é reafirmada, mas ela é revista pelo *logos*, o que nos mostra um reflexo do teatro do século V a.C., ou seja, ainda apoiado nos mitos, revela o conflito do homem entre o passado (leis divinas) e o presente da *polis* (leis escritas). Nesse sentido, o gênero “tragédia” parece extrair seu impulso dessa hesitação entre o mito e o *logos*, entre a tradição e a nova forma de pensar: a filosofia.

Percebemos que a atualização feita por Sófocles não se dá apenas nas alterações dos enredos, mas na sua utilização para discussão dos problemas próprios da época da *polis*, da sofística e da filosofia. A esse respeito, Vernant (1999, p. 55) afirma que:

A matéria da tragédia não é mais então o sonho, posto como uma realidade humana estranha à história, mas o pensamento social próprio da cidade do século V, com suas tensões, as contradições que surgem nela, quando a chegada do direito e as instituições da vida pública questionam no plano religioso e moral, os antigos valores tradicionais [...].

Assim, verificamos que uma outra forma de atualizar o mito por parte de Sófocles foi discutir as disputas de poder como ocorriam em Atenas no século V a.C. Sobre essa perspectiva, Knox (1957 *apud* VIEIRA, 2004, p.169) afirma que:

[...] Como Édipo, Atenas justifica a ação incessante e sempre mais vigorosa apelando ao sucesso prévio; como Édipo, Atenas recusa se deter, transigir, voltar atrás; como Édipo, segue os ditames de sua energia e inteligência com suprema confiança no futuro; e, como Édipo – a tragédia parece sugeri-lo –, Atenas chegará a conhecer o malogro, a aprender a dizer “devo obedecer” como diz agora “devo dominar”. Atenas, nas palavras de seu maior estadista, pretendeu ser um exemplo para os demais... Édipo também é proclamado um exemplo, mas em sua queda.

Ainda de acordo com essa perspectiva, o crítico Trajano Vieira (2004, p.22) afirma que: “De certo modo, Édipo seria a expressão da própria Atenas do século V a.C.: inquieto, brilhante, corajoso, arrogante, perspicaz, imperial, curioso, vaidoso, conseqüente, calculador, investigativo [...]”. Observamos que o tema do poder é forte na peça, pois o protagonista age como um homem de poder que teme perdê-lo. No encontro na encruzilhada, Édipo não cede espaço para a carruagem de Laio, nem admite ser insultado e nem ser tratado com desprezo, ao contrário, por achar que é filho do rei de Corinto, exige que seja respeitado pelas pessoas.

Da mesma forma como os cidadãos atenienses expunham os seus problemas na Ágora, os habitantes de Tebas se reúnem em praça pública para pedir ajuda a Édipo para livrar a cidade da peste. No entanto, apesar de ser soberano, Édipo recorre ao oráculo cuja autoridade afrontará, mostrando que o seu poder e saber são limitados e que precisa da ajuda do deus Apolo para solucionar a peste. Com a morte trágica de Laio, Creonte, irmão da rainha, assume o trono de Tebas. Segundo Brandão (2011), Creonte facilmente abre mão de governar por ter prometido a quem derrotasse a Esfinge, ou porque se sente mais à vontade exercer de igual maneira o poder juntamente com Édipo e Jocasta, sem as preocupações e apreensões impostas pelo trono, como ele próprio confessa:

[...] crês que jamais homem algum preferiria o trono e seus perigos a tranquilo sono tendo poder idêntico sem arriscar-se? Pois quanto a mim ambiciono muito menos a condição de rei que o mando nela implícito; pensam assim todos os homens comedidos em seus desejos. Sem me expor, obtenho agora tudo de ti; ou não? Porém se eu fosse rei teria de ceder a muitas injunções. Por que motivo, então, me tentaria o trono mais que essa onipotência livre de percalços? Não sou ainda cego, a ponto de almejar mais que a influência e o proveito conseqüente. Já sou por todos festejado, já me acolhem todos solícitos, e todos que precisam de ti primeiro me procuram; todos eles conseguem tudo por interferência minha. Como haveria eu, então, de desprezar o que já tenho para obter o que insinuas? Séria tolo esse procedimento pérfido. O plano que imaginas não me atrairia e eu não o realizaria inda ajudado (SÓFOCLES, 2001, p. 46-47).

Mas, a luta pelo poder está no centro da inquietação de Édipo, ele entende que encontrando o criminoso estará vingando não só a morte de Laio, mas também estará livrando a sua vida e permanecendo no poder. Como observa Brandão (op. cit.), a tônica dos diálogos que Édipo mantém com Tirésias e com Creonte continua

sempre a mesma, ou seja, a ideia de ambição e sede pelo poder, pois o rei pensa que o adivinho serve de instrumento a Creonte para ambos tomarem-lhe o poder.

Foi possível encontrar na obra em estudo, em seu recurso ao mito de Édipo, alusões múltiplas aos acontecimentos do tempo de Sófocles, como, por exemplo, o *logos* nascente. Certos raciocínios que o autor coloca nas falas dos personagens Édipo e Jocasta levaram-nos a ver nesses protagonistas a atualização ideológica do mito, o que, ao nosso entender, se confirma com as partes dos discursos destes personagens que contêm o questionamento da tradição mítica, dos deuses e dos oráculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a literatura consultada e as discussões realizadas ao longo dos capítulos, foi possível observar que os mitos nos fazem pensar e refletir sobre a nossa origem, servindo de orientação para um entendimento de acontecimentos que, às vezes, não conseguimos explicar.

As epígrafes que abrem este trabalho nos ajudam a entender o contexto em que a tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles está inserida. Ora, todas aquelas mudanças estão ocorrendo em Atenas e sendo formuladas, discutidas e analisadas pelos filósofos que vivem naquela época. E isso era perceptível aos olhos de escritores como Sófocles que presenciou justamente o período de transição do pensamento mítico para o pensamento filosófico.

Assim, ao lermos a obra de Sófocles é bom que tenhamos em mente as transformações que estavam acontecendo na sociedade ateniense, para que possamos entender o que o poeta discute e apresenta como necessário aos homens de seu tempo. Nesse conjunto, Sófocles é o observador, é o povo, é o coletivo, que adota o mito e o interpreta de acordo com a realidade circundante. Partindo de tal pensamento, podemos afirmar que literatura e sociedade estão imbricadas, visto que a obra literária é um meio de comunicação historicamente produzido, marcada por um tempo e espaço.

Sófocles mostra a influência dos desígnios divinos na vida dos homens, mas também ecoam na sua obra reflexos de uma interessada e atenta convivência do autor com os filósofos do século V a.C. da cidade ateniense democrática. Nesse sentido, influenciado pela filosofia, submete o pensamento mítico a dúvidas e questionamentos, transportando para o palco do teatro as discussões da Ágora. A tragédia ganha em Sófocles uma estrutura mais lógica e dramática, criando na plateia a expectativa interessada, atando o nó e conduzindo com segurança ao desfecho.

Quando Édipo toma o caminho de Delfos para saber do oráculo sobre a sua origem familiar, ele em vez de lhe responder quem são seus pais e acabar com esse desconhecimento, revela que Édipo mataria o próprio pai e casaria com a própria mãe. Assim, a consulta ao oráculo ajudará para a concretização da profecia, pois diante dessa revelação, Édipo decide não retornar a Corinto (porque acha que

Pólipo e Mérope são seus pais) e se dirige para Tebas, pensando que está fugindo de se tornar um assassino, mas isso o conduz ao encontro de seu verdadeiro pai, Laio. Porém, é justamente por essa “peça” que será gerado o conflito.

Notamos que tanto na primeira consulta quanto na segunda, o oráculo não responde propriamente as perguntas, mas informa a Laio e a Édipo o que vai acontecer, ou seja, diz para o primeiro que será morto pelo filho e para o segundo que matará o pai. Na última vez, o oráculo fala que para libertar Tebas da peste é preciso vingar o assassinato de Laio. Diante dessa situação, tem-se início a investigação que com a ajuda do mensageiro de Corinto, do pastor e do adivinho cego Tirésias, a verdade é revelada, o assassino que Édipo procurava era ele mesmo.

A tragédia *Édipo Rei* é uma obra de extrema riqueza textual e por isso muitas outras discussões poderiam ter sido apontadas. Nesse sentido, não acreditamos que esse estudo tenha sido esgotado no espaço tão reduzido deste trabalho, visto que foi dado apenas um enfoque sobre essa mitologia, tendo lugar para outras perspectivas e leituras. Portanto, apesar do muito que já foi escrito sobre a obra, entendemos que ainda há muito a ser estudado e dito acerca da tragédia sofocliana.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Souza. Sófocles. In: BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro grego: tragédia e comédia**. Petrópolis: Vozes, 1985, cap.3, p. 37-56.

_____. O mito de Apolo: Epidauro e o Oráculo de Delfos. In: _____. **Mitologia grega**. V.2. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, cap. 3, p.85-116.

_____. Os Labdácidas: o mito de Édipo. In: _____. **Mitologia grega**. V.3. 18.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, cap. 8, p. 243-300.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6. ed. Trad. Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GRIMAL, Pierre. **A mitologia grega**. 4. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Voos).

HACQUARD, Georges. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Trad. Maria Helena Trindade Lopes. Lisboa: Divisão Gráfica das Edições ASA, 1996.

HARVEY, Sir Paul (comp.). **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

HOMERO. **A Ilíada** (em forma narrativa). Tradução e adaptação de Fernando C. de Araújo Gomes. 8. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

_____. **Odisseia**. 9. ed. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1999.

LESKY, Albin. Sófocles. In: _____. **A tragédia grega**. 3. ed. Trad. J. Guinsburg et. ali. São Paulo: Perspectiva, 1996, p. 141-186. (Coleção Debates).

MAFRA, Johnny José. **Cultura clássica grega e latina: temas fundadores da literatura ocidental**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2010.

MARQUES JÚNIOR, Milton. **Introdução aos estudos clássicos**. João Pessoa: Ideia/Zarina, 2008.

MOSSÉ, Claude. **Dicionário da civilização grega**. Trad. Carlos Ramalhete e André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

PEREIRA, Francisco Victor Macedo. Ai, ai de quem mexeu na minha honra: o 'Ájax' de Sófocles. In: LIMA, Marinalva Vilar de; ARAÚJO, Orlando Luiz de. (Org.). **Ensaio em Estudos Clássicos**. Campina Grande: EDUFPG, 2006, p. 231-240.

SCHÜLER, Donaldo. "O enigma de Édipo". In: SÓFOCLES. **Édipo rei**. Trad. Donaldo Schüler. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004, p. 6-76.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana**: Édipo rei, Édipo em Colono, Antígona. 9. ed. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. (Coleção Tragédia grega).

_____. **Édipo rei**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Coleção Signos/Haroldiana).

_____. **Édipo rei**. Trad. Donaldo Schüler. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

SOUSA, Elri Bandeira de. **A cegueira de Édipo e a visão de Tirésias no drama de Sófocles**. In: I Colóquio Nacional de Estudos da Linguagem - CONEL, 2007, Natal/RN. I CONEL - I Colóquio Nacional de Estudos da Linguagem. Natal/RN: Artpress Gravadora e Duplicadora, 2007. v. I.

SZONDI, Peter. SÓFOCLES: ÉDIPO REI. In: _____. **Ensaio sobre o trágico**. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 89-94. (Coleção Estéticas).

VERNANT, Jean-Pierre. Édipo sem complexo. In: VERNANT, Jean-Pierre VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 53-72. (Coleção Estudos; 163).

VERNANT, Jean-Pierre. Édipo, o inoportuno. In: VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens**. Trad. Rosa Freire d'Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 162-180.

_____. **As origens do pensamento grego**. 12. ed. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

_____. Édipo, nosso contemporâneo? In: VERNANT, Jean-Pierre. **Entre mito e política**. 2. ed. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002, p. 359-380.

_____. **Mito e religião na Grécia antiga**. Trad. Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

VIEIRA, Trajano. "Mosaico hermenêutico". In: SÓFOCLES. **Édipo rei**. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 163-181. (Coleção Signos/Haroldiana).

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. Trad. Betina Bischof. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

ZIZEK, Slavoj. Introdução: o espectro da ideologia. In: ADORNO, Theodor W. et. al. **Um mapa da ideologia**. Organização Slavoj Zizek. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 7-38.